



SENSAÇÕES CORPÓREO-ESPACIAIS E A FAZEDURA DE “MAPAS SENSACIONAIS”: um relato de experiência

CORPOREAL-SPATIAL SENSATIONS AND THE MAKING OF “SENSATIONAL MAPS”: an experience report

Danilo Stank Ribeiro

Graduando em Geografia

Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, SC

E-mail: danilostankr@gmail.com

Recebido em: 23.09.2013

Aceito em: 16.01.2014

Resumo

O presente texto aborda alguns desdobramentos e reflexões acerca de práticas desenvolvidas na oficina *Geografia Experimental do Corpo*, – cujo intuito é propiciar ao participante um percurso sensorial – espacial sem o uso da visão. Com isso visa-se produzir e discutir “mapas sensacionais” a partir desse percurso. Tal oficina teve início em de práticas relacionadas à iniciação cartografia com turmas do 5º ano do fundamental de uma escola estadual localizada no município de Florianópolis – SC, alcançando outras dimensões fora da escola. Com base no material produzido nessa oficina discorre-se sobre as suas possibilidades e limitações, bem como brevemente, seus processos de formação e evolução. Partindo desse contexto de formação e prática em educação, busca-se pensar sobre dois pontos que se sobressaem no processo da oficina: a questão da relação do visível (olhar) e do corpo com espaço; e as cartografias oriundas dessa relação, em um contexto de experiência em educação na área de Geografia. Em paralelo a essas reflexões, analisa-se essa proposta de oficina considerando-a como uma ferramenta prática que tenta fazer com que algo nos passe, buscando uma aproximação ao conceito de experiência em Jorge Larrosa, e que se relaciona com um modo de fazer e pensar cartografia.

Palavras-chave: Oficina geográfica; educação geográfica; experiência; cartografia; corpo.

Abstract

The present text discusses some unfoldings and reflections on practices developed in a workshop on *Experimental Geography of the Body*– whose purpose is to provide the participant with a sensory-spatial path without vision. The aim is to produce and discuss "sensational maps" from that path. This workshop started with practices of cartographic initiation with groups of 5th grade students from a state school located in Florianópolis - SC, reaching other dimensions outside of school. Based on the material produced in this workshop, this article discusses their possibilities and limitations as well as their formation processes and evolution. From this context of training and practice in education, two points are considered important and excel in the process of the workshop: the question of the relation of the visible (look) and the body with space, and the mappings derived from this relationship in a context of experience in education in the field of Geography. Parallel to these considerations, this paper tries to analyze the proposed workshop considering it as a practical tool to make pass something for us, seeking an approach to the concept of experience in Larrosa that is related to a way of doing and thinking maps.

Keywords: Geographic workshop; geography education, experience; cartography; body.

INTRODUÇÃO: DAQUILO QUE ORIENTA A PESQUISA

Sensações corpóreo-espaciais e a fazedora de mapas sensacionais é o ponto que se atinge depois de algum tempo em imersão em situações escolares escolas trabalhando com alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. No contato com estes decorre um novo interesse, o de seguir a pesquisa iniciada para resolver problemas da aprendizagem cartográfica nestes anos da escolarização, e depois o de entender porque se capturam de uma paisagem apenas seus elementos visíveis, sobretudo aqueles estigmatizados pelos clichês. A oficina, que permitirá tal reflexão, lida antes com as forças que advém dos percursos espaciais sem o uso do aparelho visual. Este texto é um relato que verte sobre uma oficina em processo chamada “*Geografia Experimental do Corpo*”.¹ Nesse sentido, está organizado da seguinte forma: no primeiro momento há um pequeno histórico dos processos e referências

¹ Oficina originada em parceria com Raoni Borges (graduado em Geografia da UDESC no ano de 2012, época em que era bolsista do PIBID) cuja primeira experimentação foi realizada durante o XII Simpósio de Geografia da UDESC 2012 (SIMGEO). O processo de elaboração dessa oficina está inserido em um contexto de tentativas, apontamentos, erros e acertos, rascunhos, pesquisas e anotações, enfim, no processo de iniciação a docência propiciada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

que deram origem a essa oficina, bem como alguns pontos que julgo relevantes; no segundo serão problematizadas algumas questões relativas ao ver (ou não ver), e a relação das forças que passam com corpo e o espaço, tentando estabelecer um diálogo entre aquilo que se passa durante a oficina (prática) e alguns referenciais teóricos que foram usados para pensar sobre essas práticas, e como complemento a elas, algumas cartografias criadas por seus participantes.

DESENVOLVIMENTO: COMO SE DESFAZ A NECESSIDADE DO OLHO

A oficina teve início em práticas realizadas em duas turmas de 5º ano do Ensino Fundamental², ligadas à iniciação cartográfica usando os sentidos corporais. Essa prática educativa, inicialmente chamada de “mapa da sensação”, transformou-se para os alunos em “mapa sensorial”, visto que a atividade consistia basicamente em cartografar as sensações tidas pelos alunos durante um determinado percurso que foi feito pelos arredores da escola.

Foi a partir desta primeira incursão que a oficina adquiriu um novo caráter. Na observação dos “mapas sensoriais” produzidos pelos alunos, nota-se que em sua maioria havia uma representatividade maior de elementos visíveis do que elementos e sensações produzidos por outros sentidos, como o exemplo da imagem, abaixo (figura 1).

O mapa sensorial da figura 1 assemelha-se a uma estrutura de um real visível, da ordenação dos elementos na forma que representem verticalmente o espaço percorrido durante a oficina, assemelhando-se a um mapa no que concerne aos seus elementos de representação e organização de um determinado recorte espacial. Ao representar esses fenômenos relacionados aos sentidos os alunos diziam: “*aqui senti cheiro ruim*”, isto é, é desta forma que conseguem manifestar as sensações que, por vezes, se estendem no e pelo espaço como cheiros, variedades de sons, mudanças leves de temperatura e outros detalhes.

² Atividade realizada durante o primeiro semestre de 2012, na Escola de Educação Básica Simão José Hess, Florianópolis/SC, sob orientação da Profa. Dra. Ana Maria H. Preve (Coordenadora PIBID – Geografia – UDESC) e supervisão de Nazareno Martins (da E. E. B. Simão Hess).

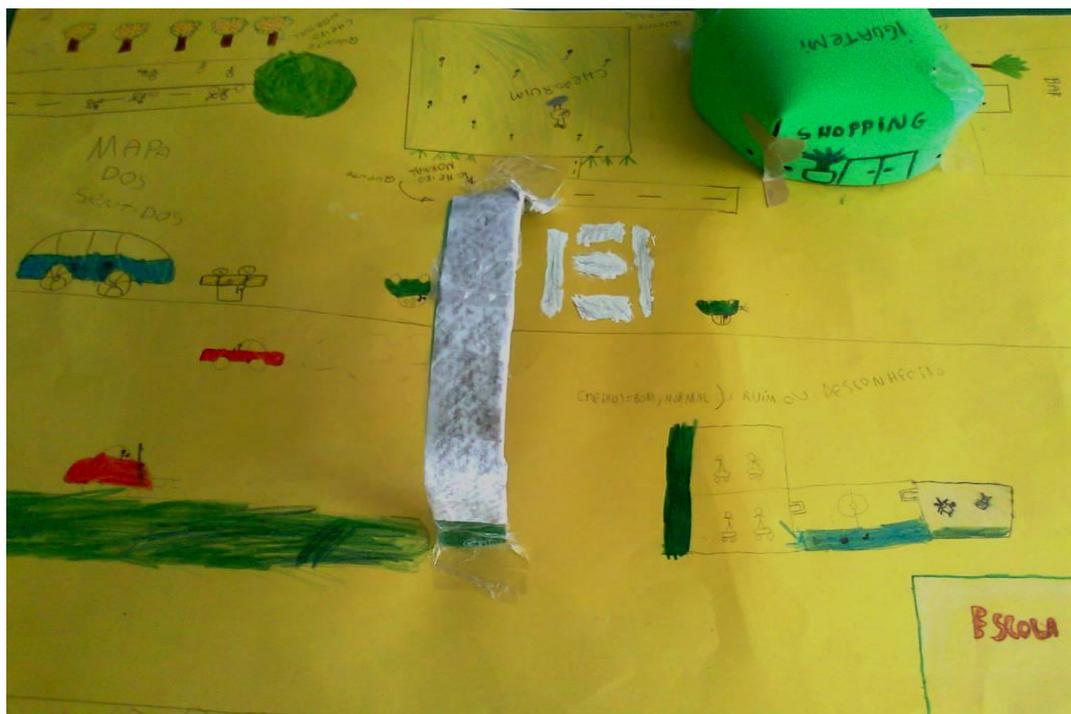


Figura 1 – Mapa sensorial produzido por estudantes do 5º ano.

Essa reação não foi encarada como um problema, mas como condição dada pela proposta da oficina naquele momento, a saber: usar um percurso visível e cartografar algo que está no âmbito daquilo que se “sente” muito mais do que se vê. Esse resultado fez com que se desse início a uma reflexão sobre o predomínio do visível frente a outros sentidos, pois como diz (TUAN, 1980, p. 7), “o ser humano é um animal predominantemente visual (...) sendo a visão necessária para ele progredir no mundo, que atualmente se configura como um mundo onde as informações e estímulos visuais têm mais força”. Nesse contexto, a problematização do ver e do olho se evidencia e se torna necessária para a proposta da oficina de percorrer o espaço sem esse sentido tão forte em nós, predominando sobre o corpo e sobre os demais sentidos.

Seguinte a essa constatação estruturou-se uma oficina intitulada “*Geografia Experimental do Corpo*”, tanto como modo de operar uma geografia ligada ao corpo e sua interação com o espaço³, quanto como uma ferramenta de pesquisa que parte

³ Vale salientar que a noção de espaço aqui empregada está vinculada à ideia de Doreen Massey (2009) mais precisamente na apresentação à edição brasileira feita por Rogério Haesbaert, quando pontua que o espaço enfatizado pela autora é “uma imbricação de trajetórias, sempre aberto ao inesperado, ao acaso, e que, enquanto *lócus* da coexistência contemporânea (...) é marcado pela

de uma atividade, um encontro, uma experiência, para pensar em uma geografia que parte de nós. Nela, sem a visão, percorre-se um trajeto, move-se pelo espaço, que se constrói de forma a estimular constantemente os sentidos para além da visão. Objetivou-se com isso, para além do estímulo sensorio-espacial do participante, também a materialização de um mapa desse percurso, e ao mesmo tempo problematizar uma geografia/cartografia menos estática e mais extática.

Esta experiência se estendeu e ganhou espessura à medida que foi sendo aplicada em algumas disciplinas de cursos como Geografia e Pedagogia da FAED/UEDESC, uma oficina no XII Simpósio de Geografia da UEDESC 2012 (SIMGEO) e, recentemente, numa proposta de formação de professores na Escola de Educação Básica Professor Anibal Nunes Pires em Florianópolis.

Tal trajetória fez com que a oficina se modificasse, aprimorando-se a cada vez que foi realizada e experimentada (participantes e oficinairos). Novas relações, afetos e espaços se revelaram e a cada novo encontro, abriram-se possibilidades e afirmações que conduziram (ou não) a outras formas de pensar.

E aqui se insere o conceito de oficina, extraído de Correa (2000), pois este autor a considera como uma ferramenta de pesquisa ligada ao interesse temático que parte do oficinairo, que tem como centro o fazer-junto, uma troca de saberes e experiências, cujo tema “é o eixo em torno do qual os saberes de cada um eram ativados, no sentido de uma produção comum, como resultado das diferentes competências atuantes, das diferentes visões de mundo, do vivido de cada um” (CORREA, 2000, p.19).

Nesse sentido, a oficina *Geografia Experimental do Corpo* é tal qual um espaço educativo que proporciona experiências, laços sensitivos entre o corpo com o espaço. Em outras palavras,

propomos a exclusão do ver, do ver com os olhos, e com isso ativamos um ‘ver a mais’ apoiado no que o corpo tem disponível para explorar o mundo e que na maioria das vezes está adormecido. Porque um corpo pode mais do que está previsto. Provocar uma experiência, inventar modos e jeitos de experimentar o espaço com o corpo, traçar um percurso sensitivo, problematizar a dificuldade de

multiplicidade, apesar de todas as tentativas e discursos vãos da homogeneização e padronização generalizadas” (HAESBAERT, 2009, p.9).

pensar e produzir Geografia para além do visual, do externo, do longínquo (RIBEIRO, DESIDERIO; PREVE, 2013a, p.4).

Visa-se experimentar aqui parte de uma relação entre a experiência do sujeito com o espaço. Sobre isso, Larrosa (2009, p. 21) diz que “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. E para que nada nos aconteça, para que haja segurança, é preciso buscar a informação e a opinião, pois

o sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça (LARROSA, 2009, p. 22).

Há aqui uma vontade de fazer passar algo, tencionar o já sabido, dado pela informação e explorar aquilo que se apreende, estando em relação com o mundo (com o espaço, com o outro etc.) - relação sutil e singular, feita de encontros proximais, proporcionados pelo bloqueio da visão, já que “o sábio é aquele que conhece não só com os olhos (...) Quem conhece só com os olhos conhece de longe, pois a visão exige distância; muito perto a gente não vê nada” (ALVES, 1992, p.155-6).

Do ver (do não ver)

Torna-se necessário fazer brevemente alguns apontamentos sobre a questão da visão ou do olhar e como esse se relaciona com os outros sentidos, tendo como mote as dúvidas e ponderações que surgiram em decorrência da atividade realizada com o 5º ano do fundamental. Tais apontamentos fazem parte de um conjunto de leituras que por afinidade se aproximam daquilo que compõem um conjunto de ideias que auxiliam a pensar a questão da visão e que sustenta a opção por vendar os participantes da oficina como forma de enfatizar ainda mais a proposta do sentir (com outros sentidos do corpo).

Aqui cabe então uma provocação, pergunta-mote, sentença que impulsiona: o que significa dar um tempo e experimentar o corpo no espaço (ou experimentar o espaço com o corpo) sem o uso da visão? Sobretudo em um momento no qual há excesso de informações, em que o contato com o mundo passa a ser mediado por meios de comunicação (televisão, computador), e a velocidade/validade das coisas e pessoas parece passar cada dia mais depressa. É um mundo onde há uma proliferação de imagens pulsantes,

onde tudo é produzido para ser visto, onde tudo se mostra ao olhar, [...] universo da sobreposição e da obscenidade, saturado de clichês onde a banalização e a descartabilidade das coisas e imagens foi levada ao extremo. Como olhar quando tudo ficou indistinguível, quando tudo parece à mesma coisa? (PEIXOTO, 1988, p. 361)

A saturação do olhar, da informação, das imagens, esse excesso de um movimento contínuo e veloz, essas horas que as pessoas passam sentadas em frente à tela do computador, escrevendo, relegando a folha de papel ao vazio, às vezes, faz com que queiram fechar os olhos (não olhar) e descansar, mas que por vezes, mesmo fechados, ainda insistem em pulsar claridades, imagens fixadas na retina, em decorrência da importância que o visível assumiu no contemporâneo. Sobre isso Peixoto (1988, p. 361) observa que

o indivíduo contemporâneo é em primeiro lugar um passageiro metropolitano: em permanente movimento, cada vez para mais longe, cada vez mais rápido [...] quanto mais rápido o movimento, menos profundidade as coisas têm, mais chapadas ficam, como se estivessem contra um muro, contra uma tela.

É esse olhar que se habitua à velocidade da informação, a ler com dinamismo, mas sem deleite, não deixa espaço para a experiência do ver, e não só, do sentir inteiramente (usando todos os elementos sensoriais do corpo), do olhar racional que “classifica, examina, compara, esquadrinha, mede, analisa, separa ... mas nunca exprime” (BOSI, 1988, p. 77).

Sobre a relação entre os sentidos e a visão Tuan (1980, p. 12) escreve:

Ver não envolve profundamente as nossas emoções. (...) Uma pessoa que “vê” é um espectador, um observador, alguém que não

está envolvido com a cena. O mundo percebido através dos olhos é mais abstrato do que o conhecido através dos outros sentidos. Os olhos exploram o campo visual e dele abstraem alguns objetos, pontos de interesse, perspectivas. Mas o gosto do limão, a textura de uma pele quente, e o som do farfalhar das folhas nos atingem como sensações.

Precisa-se problematizar esse ver, isto é, vendar o participante da oficina, não como negação do olho, ou de tudo que foi apreendido por meio da visão, pois

com uma venda nos olhos, ver (o sentido da visão) – que antes dominava o conceito sobre as coisas, e que atestava o domínio de nossas certezas – torna-se abstrato, confuso, escuro. Nisso o corpo pede outras referências, pede pelos outros sentidos e as dimensões (do mundo experimentado) ‘se resumem’ ao que tocamos, cheiramos, e ao longe, o que ouvimos. Cada objeto, lugar, paisagem, espaço (todos estes grandes conceitos geográficos) adquirem novos usos, novos significados, únicos talvez, assim como são únicas as experimentações que fazemos no mundo. (RIBEIRO, DESIDÉRIO; PREVE 2013a, p.2)

Do corpo, ou das forças invisíveis que nos passam

Aqui, serão brevemente apresentados alguns apontamentos sobre a questão do corpo e as forças que nele passam, referindo-se sempre as questões que surgiram em decorrência das experiências práticas com oficina e que mobilizam um pensamento.

É com gesto simples como mexer as mãos para simbolizar uma barriga que uma aluna do 5º ano do Ensino Fundamental, tenta pela via da palavra expor as geografias que o corpo também possui. Sua afirmação foi movente, e tratava-se de uma explicação sobre o que se fazia na oficina: “*mas o corpo também tem seus relevos!*”, Essa afirmação movente que suscitou e reforçou algo noicineiro: o corpo também tem suas geografias. Reverberando com a afirmação acima, levanta-se os seguintes questionamentos:

O corpo também tem suas geografias, também experimenta geografias? Que geografias são essas que vibram no corpo quando ele se relaciona e se envolve com outro, com o espaço? Essa geografia que a gente experimenta com o corpo, esses estímulos espaciais diários, e que nos aproximam do espaço, que nos forçam conhecê-lo de outro modo (RIBEIRO, 2013b, p. 2)

Ao relacionar corpo e espaço ou mais precisamente, como um habita e percebe o outro, Tuan (1983) nos fala das diferentes perspectivas e simbolismos relacionados à estrutura e postura do corpo (a “frente” se relaciona com horizonte, com futuro; o “atrás” com profano ou passado etc.) e sua projeção no espaço, construindo e formulando apreensões do mundo à medida que a experiência constrói e ordena espaços.

O homem, pela simples presença, impõe um esquema no espaço [articulado de acordo com seu esquema corporal]. Na maioria das vezes, ele não está consciente disso. Sente sua falta quando está perdido [...] como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de confirmá-lo as suas necessidades biológicas e relações sócias (TUAN, 1983, p. 48).

Esse “perder-se”, que desorienta e desfaz esquemas corpóreos projetados no espaço, é importante quando se pensa em práticas que busquem deslocar do eixo da segurança, da informação, do já sabido e proponham (ou tentem propor) outra forma de habitar, perceber e (talvez) pensar o espaço e as relações sociais a partir da experiência corporal e íntima dada nele de forma intensiva no âmbito das forças e extensiva no âmbito do deslocamento no território. Sobre isso Preve (2013, p. 258) diz que “perder-se é um movimento necessário para produzir passagens e que se aprende nos caminhos desconhecido do fazer alguma coisa que não se sabe aonde vai dar, mas que é preciso fazer. Faz-se até se perderem os referentes, faz-se para fugir da informação”.

Assim, quando cada participante tem seus olhos vendados, o mundo construído visivelmente lhe informa e lhe dá segurança de modo que se depara com a resistência, com a potência deste “perder-se”. Os participantes lidam com a perda dos referentes que fixam os marcos do espaço percorrido, encontrando-se com o “não se sabe aonde vai dar”.

Nisso, conforme o participante se desloca e experiencia o espaço, ele ou ela refaz sua segurança, suas referências, pela certeza, mesmo que haja dúvida, desconfiança, pois a veracidade do que se vê, às vezes, é pouco contestável frente aos outros elementos sensoriais que compõem o espaço. Essa segurança se recompõe com fragmentos das sensações (hápticas, sonoras, olfativas etc.) que relacionam ou remetem ao conhecido (cheiros da cantina, barulhos estranhos dos

alunos do curso de artes cênicas, sons de carro oriundos do estacionamento, o silêncio dos espaços afastados).

No processo de locomover-se é que seu corpo percebe o espaço, porque nesse ato ele “e seus atributos são experimentados diretamente” (TUAN, 1983, p. 59). Dessa relação direta com o espaço que o participante (vendado) por vezes tateia, por vezes escuta, constroem-se suas referências que “tornam-se móveis e o próprio móvel já não é uma questão de posição, mas de relação” (GODOY, 2013, p. 212) entre mãos, corpos, sons etc., relações visíveis, constituídas pela necessidade de refazer um norte (ou sul), estabelecer um guia. Mas há nessas relações, provocadas por um estado de (in)visibilidade das forças/intensidades que atravessam os corpos, talvez linhas de força (GODOY, 2013), ou ainda linhas de vida (ROLNIK, 2007). Cabe dizer que

[...] no invisível, o que há é uma textura (ontológica) que vai se fazendo dos fluxos que constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos, somando-se e esboçando outras composições. Tais composições, a partir de certo limiar, geram em nós estados inéditos, inteiramente estranhos em relação àquilo de que é feita a consistência subjetiva de nossa atual figura. Rompe-se assim o equilíbrio desta nossa atual figura, tremem seus contornos. Podemos dizer que a cada vez que isto acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. (ROLNIK, 1993, p. 242).

Resgatando a ideia de experiência em Larrosa (2009), passa-se algo, uma marca de um acontecimento, e nessa perspectiva, de fazer passar alguma coisa, a proposta da oficina se concretiza, como marca, porque o

corpo é esse entrecruzamento do visível e do invisível, do dentro e do fora, do que toca e o que é tocado. Ele não é nem uma coisa, nem uma ideia, mas é o que faz existir uma coisa e uma ideia para nós. O corpo é esse enrolamento, essa circulação, esse enlaçamento, essa dobra de meu interior e meu exterior, entre eu e o mundo, a visibilidade e a opacidade (UNO, 2010, p. 39).

Resta saber então, o que se pode fazer com essas forças, marcas que atravessam e que ficam (ou não) nas pessoas. Resta saber se para além da proposição de uma materialização dessa experiência (por meio de um mapa), os

participantes e oficinairos foram atravessados por alguma coisa. Talvez assim se possa supor que cada qual levará consigo esse resto, e talvez

o que interessa e faz diferença é como nos relacionamos com elas, se transformando-as em referências fixas, se as significamos, hierarquizamos, domesticamos ou se as deixamos movimentar-se livremente em proveito de liberações tanto mais políticas quanto mais potentes para inventar outros modos de sentir e pensar em relação aos quais, o repouso, a tranquilidade, serão ditos apenas como “uma imagem demasiado vasta daquilo que se move (GODOY, 2007, p. 06).

RESULTADO E DISCUSSÃO: AS CARTOGRAFIAS

Em consonância com o exposto acima, as imagens abaixo apresentam um resultado que exprime um pouco daquilo que a oficina buscou proporcionar. Como no caso da figura 1, produzido no começo deste artigo, há representado algo que se passa durante o percurso, algo singular, variações entre claro e escuro, dadas pelo uso da cor amarelo em oposição ao preto (remete a sensação de estar vendado); é uma linha de barbante, e pontualmente, alguns pontos de interrogação, que remetem àquilo que o participante sentiu durante a oficina, dúvida, perda das referências espaciais, a linha que serviu de guia durante o percurso etc.

Na figura 2, assim como na figura 3, a uma linha que “povoia a imagem”. Aqui ela é tracejada, como um percurso, não se sabe bem onde começa ou termina, talvez representando a desorientação dada pelo não ver. Centralizado, o desenho de uma mão com olho, remetendo ao tato que assume, na ausência do olhar, o sentido forte de localização dos elementos espaciais. Pontuados na imagem também estão alguns desenhos que representam os sentidos que em dado momento afloram e são estimulados durante o processo de oficina.

Mas aqui, como quem percorre um caminho de olhos vendados, só é possível supor e desconfiar. Essa suposição se relaciona a uma proposta – o desafio que se faz ao participante após o percurso: como pintar, cartografar essas forças e sensações que se passam durante a oficina? Como então fazer “mapas movediços, mapas sensoriais” ou ainda, como cartografar esse(s) (in)visível/invisíveis?

Para fazer pensar sobre tais perguntas apropria-se do conceito de cartografia como “[...] um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os

movimentos de transformação da paisagem [...] que o desmanchamento de certos mundos [...] que se criam para expressar afetos contemporâneos [...]” (ROLNIK, 2007, p. 23).



Figura 2 – Mapa sensorial produzido por alunos do Curso de Pedagogia

Partindo desse ato de fazer e desfazer mundos, cartografias, ideias, imagens, de propor desafios a conceitos interiorizados, (des)construir uma exatidão cartográfica, pode-se pensar nos seguintes termos: “menos que descrever o já visto, ou dar um contorno e uma localização ao já existente, parece haver nela [na cartografia], primeiro, o impulso de trazer algo novo para o mundo” (GODOY, 2013, p. 209). Paralelamente a isso talvez se possa pensar que “o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, deixar-se levar por esse campo coletivo de forças” (KASTRUP, 2010, p.57).

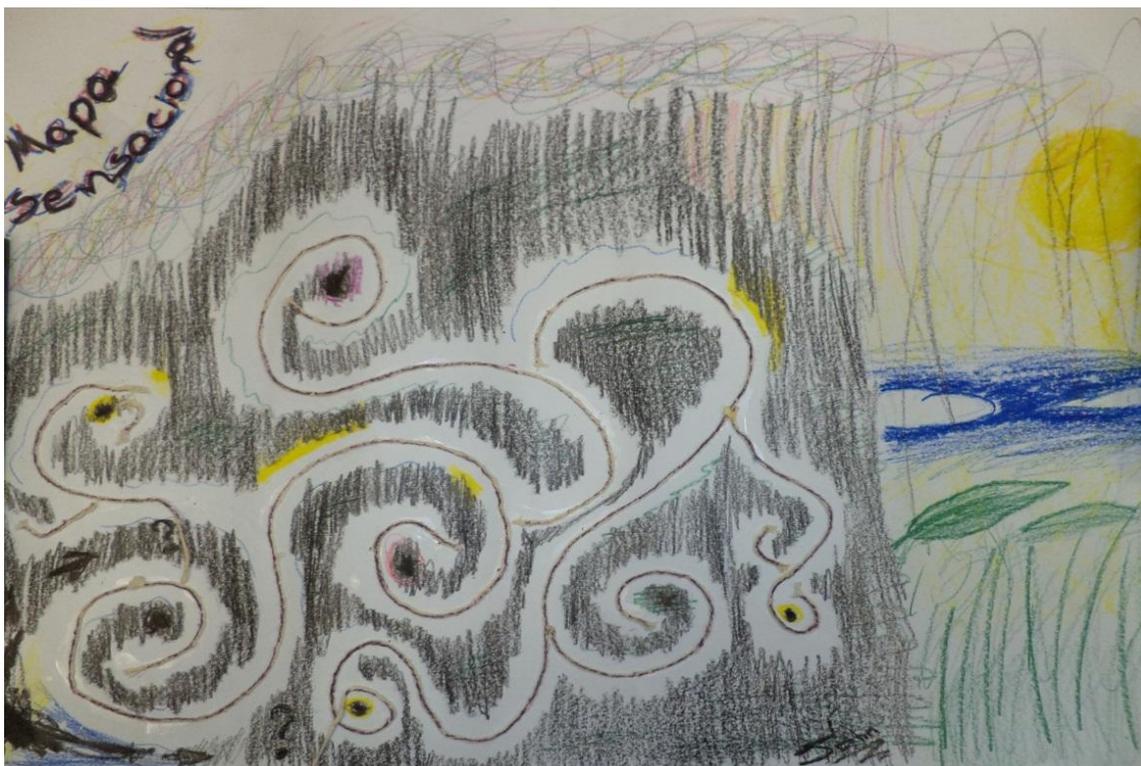


Figura 3 – Mapa sensacional produzido por aluna do Curso de Geografia.

Trata-se de um impulso dado pelo movimento, um movimento de criação que se exprime aqui de forma imagética, relacionado a um “saber de experiência”, “saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal [...] que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna [...] somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade” (LARROSA, 2009, p. 27).

Pela subjetividade dessa imagem-mapa abre-se um outro olhar (não categórico, exato, preciso), talvez algo similar a “um olhar estrangeiro” capaz de olhar as coisas como se fosse a primeira vez e de viver histórias originais e com isso “livrar a paisagem da representação que se faz dela, retratar sem pensar em nada já visto antes. Contar histórias simples, respeitando os detalhes, deixando as coisas parecerem como são” (PEIXOTO, 1988.p. 363).

Surge outro olhar que passa pelo olhar (ou não), pelas sensações quase inéditas ou pouco percebidas de quem participa da oficina, de quem, vendado, experimenta intensidades e que, por um processo de criação mediante ao desafio, transforma em visível (em imagem) algo invisível (as sensações, forças etc), e se

estende àquele olhar de fora, exterior que vê a imagem\mapa que a\o observa e elucubra.

Talvez seja possível afirmar que essas imagens-mapas possam ser entendidas como “um arranjo de forças/ um composto de sensações” (GODOY, 2013, p. 216). Menos que uma projeção do vivido, do ocorrido durante a experiência, menos que uma representação, tais imagens-mapas, tais produtos dessa cartografia móvel parecem ir ao encontro daquilo que é problematizado pela mesma autora:

Aprisionados na imagem como projeção do vivido sobre as probabilidades de sua repetição, somos igualmente prisioneiros de um esquema perceptivo, mas também da moldura cultural que ele efetua na relação com um regime imagético. Operando nessa clausura, a educação e também a geografia são tão somente funções formalizadas com relação aos dispositivos escolares e comunicacional, ocupando-se do que deve ser visto, dito, sentido, percebido, produzindo concretamente sobre os corpos as marcas das ideias curriculares e de governo (GODOY, 2013, p. 216).

A figura 4 serve como ilustração dessas reflexões: um jogo dado entre o escuro e o claro na frase expressa ao lado de um baú, que remete a uma compreensão mais ampla, uma abertura da tampa que nos deixa ver o aflorar de sensações, de memórias, de possibilidades etc. – quase em oposição a essa clausura de que fala a autora acima, em um diálogo quase jogo que insinua, que remete, que provoca.

Aliado a isso, pode-se pensar no que Bey (2004, p. 22) diz para quem o “mapa” é uma malha política abstrata, uma proibição gigantesca imposta pelas forças do estado, um mapa que está fechado, controlado, e que, segundo Wood (2013, p.34), “não nos deixa ver coisa alguma. Mas ele nos deixa saber o que os outros têm visto ou imaginado”. Pode-se estabelecer uma relação com uma zona autônoma temporária, aberta, que se desdobra dentro “das dimensões fractais invisíveis a uma cartografia do controle” (BEY, 2004, p. 22), pensando sobre essas imagens-mapas em uma vertente como a psicotopografia (ou psicogeografia dada pelos situacionistas), cujos autores concebem o “mapa” (aquele mapa de escala 1:1 de Jorge Luis Borges) como uma linguagem que já não controla um território, mas apenas sugere ou indica através de gestos - mapas resistentes, móveis, que fogem do controle estatal e estático.



Figura 4 – Mapa sensorial produzido por aluna do curso de Pedagogia.

Por fim, nesse vai e vem, nesse percurso de suposições, investigação e apresentação de um problema e resultados, talvez aquilo que se busca de concreto seja pensar uma prática que reative e (re)pense essa relação entre corpo e espaço, experiência e informação, contemplação e análise, em suma, talvez um caminho para se pensar o porvir seja: como, partindo desses mapas, pode se entender o espaço, e como ele se apresenta para cada um para além do visível, do mensurável? Talvez nos sirva aqui como resumo de um intento, aquilo que nos diz Larrosa (2009, p. 24) sobre a experiência,

a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Um saber que se faz fazendo, experimentando, que se dá em muitos tempos, em muitos âmbitos durante esse processo de oficina, de pensamento. Se dá nessa

relação entre visível e invisível, seja entre forças em atravessamento e no ato de plasmar tais forças, ou ainda, no processo de olhar para tais produções e captar ou supor a partir delas alguma coisa.

Mas esse fazer, essa proposta, não se configura como solução para uma iniciação cartográfica, nem uma crítica à “geografia tradicional”, ou quantitativa e, por vezes, tecnicista. De certo, talvez, serve para movimentar, para fazer pensar, para sugerir, traçar outras tangentes, para especular, para criar... para ver outras espacialidades por meio das sensações.

Assim, essas imagens–mapas sensoriais não se configuram como resposta, nem como uma saída à cartografia atual, mas se inserem como tentativa, possibilidade móvel ao pensamento, pois são criadas em um contexto de experimentação onde há poucas referências e certezas. Tentam servir à mesma maneira como uma legenda perfaz um mapa e dá sentido aos seus símbolos e abstrações. Nesse processo de experimentação, a exposição do contexto dá à imagem/mapa um sentido quase lógico e faz com que a imagem se relacione à experiência, criando relações, provocando especulações que se visualizem por certas partes da experiência, ou seja, assim como a legenda se relaciona com o mapa, o contexto se relaciona com o mapa sensorial.

De acordo com o contexto (tendo o texto como cartografia), a imagem vira mapa, sem ele, permanece apenas imagem. Continua sim com significados múltiplos, e pode vir a ser outra. Portanto, para a imagem que objetiva ser mapa o contexto é primordial. Os contextos que foram discutidos aqui são as contingências (e todo processo acoplado a estas), através das quais essas imagens se tornam mapas sensoriais.

Nisso, continua a perpetuar uma mediação e haverá sempre um interlocutor que aponta certezas, uma legenda que transforma um rio vivo em um traçado de cor azul, ou há alguém dizendo que um barco de papel (figura 5) e uma folha de uma planta, colados em uma cartolina, significam as sensações do outro de estar perdido de olhos vendados, tal qual navegante; ou ainda que representam a sensação de escutar o mar no interior de uma concha.

A singularidade maior destes mapas é que eles sozinhos não comunicam nada a ninguém e servem, apenas como boas imagens de percursos feitos. Aqui

são tidos como mapas porque os processos os configuram como tais. Neste sentido, Kastrup (2010, p.57) afirma que

o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças.

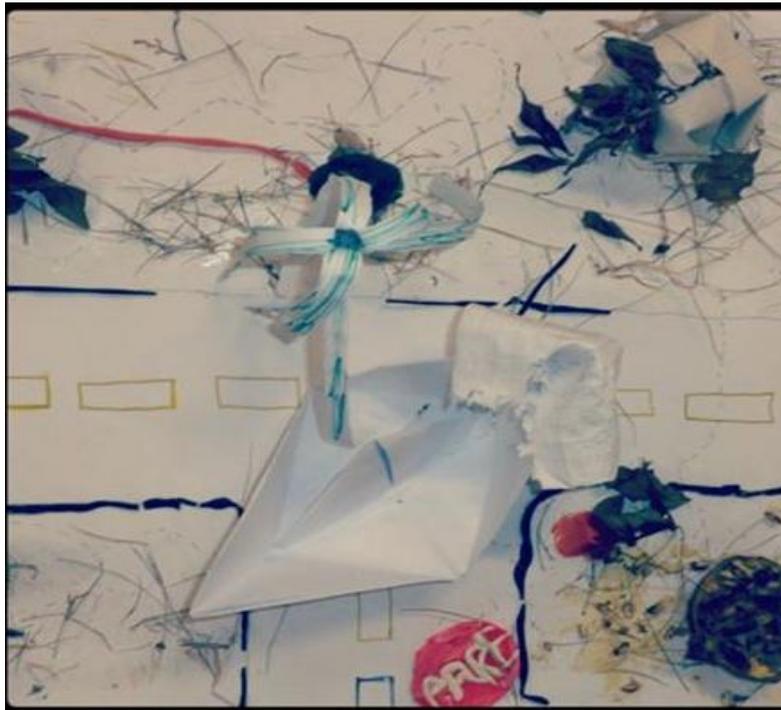


Figura 5 – Mapa sensorial produzido por aluna do curso de Geografia.

CONCLUSÃO: A POSSIBILIDADE DE QUE ALGO NOS ACONTEÇA!

Esses encontros nas oficinas carregam propósitos de formação de educadores e estes usufruem da quebra de hierarquias em diversos âmbitos à constituição de novos territórios em educação. Esses territórios são menos que unidades políticas, espaços fechados, com fronteiras definidas, mas abertos aos processos de experimentar em educação. Esses se constituem no fazer e pressupõem que para habitá-los tenha-se um rompimento com o hábito de manter a porta fechada de um determinado baú onde cada qual guarda um pouco de si que não se lança para fora, por receio do tropeço.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O retorno e terno**. Campinas, SP: Papyrus, 1992.

BEY, Hakim. TAZ: **Zona autônoma temporária**. Tradução de Renato Rezende. – 2. ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto (Org.) **O olhar**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p. 65-87.

CORREA, Guilherme C. Oficina – novos territórios em educação. In: PEY, Maria Oly (Org.). **Pedagogia libertária: experiências hoje**. Rio de Janeiro: Imaginário, 2000, p.77-162.

GODOY, Ana. Mídia, Imagens, Espaço: notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica. In: CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR., Wenceslao (Orgs.). **Grafias do espaço: imagens na educação geográfica contemporânea**. Campinas, SP: Alínea, 2013, p. 209-222.

_____, Ana, Ferraz, Joana, Ferreira, Juliana, Belchior, Jussara. Experimentações estético-políticas: do corpo condenado ao corpo liberado, a vida como matéria ética. **Revista Eletrônica Alegrar**, n. 4, 2007. Disponível em: http://www.alegrar.com.br/04/textos_A_04/05_materia.pdf. Acesso em: 01 jan. 2014.

HAESBAERT, Rogério. Apresentação á edição brasileira. In: MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p.9-13.

KASTRUP, Virginia, BARROS, Laura Pozzana. Cartografar é acompanhar processos. In: Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (Orgs.) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 52-75.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o poder da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Rev. Brasileira de Educação**. n.19, p. 20-28, 2002.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

PEIXOTO, Nelson B. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Adauto. (Org.) **O olhar**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988. p. 361-365.

PREVE, Ana Maria Hoepers. Perder-se: experiência e aprendizagem. In: CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR., Wenceslao (Orgs.). **Grafias do espaço: imagens na educação geográfica contemporânea**. Campinas, SP: Alínea, 2013, p.257-277.

RIBEIRO, Danilo Stank, DESIDERIO Raphaela, PREVE, Ana Maria Hoepers. Geografia experimental do corpo ou de como se chega a dizer outra coisa da geografia, da terra, do mundo... In: V SEMINÁRIO CONEXÕES – DELEUZE E TERRITÓRIO E FUGAS E... XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA–NIETZSCHE/DELEUZE, 2013a, Campinas - SP

_____. **Geografia Experimental do Corpo: Uma proposta para uma iniciação cartográfica.** In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO, ENSINO DE GEOGRAFIA NO CONTEMPORÂNEO: METODOLOGIAS VIVÊNCIAS ESCOLARES, 1, 2013, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013b. p.440 – 450. Disponível em: <http://enpegsul.wix.com/enpegsul#!apresentaes-de-trabalho/c1ajm>

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir – uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Caderno de Subjetividade**, PUC- SP, v.1, n.2, p. 241-251, 1993.

_____. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

UNO, Kuniichi. Corpo-gênese ou tempo-catástrofe. **Caderno de Subjetividade**, PUC- SP, v.12, p. 37-46, 2010.

WOOD, Denis. Dogma visualizado. Estado-nação, Terra, Rios. In. CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR., Wenceslao M. (Orgs.). **Grafias do espaço: imagens da educação geográfica contemporânea.** Campinas, SP: Alínea, 2013, p. 23-51.